



Arcebispo de Aparecida prega paz, diz que mentira “não é de Deus, é do maligno” e afirma ser necessário ter identidade religiosa. Candidato à reeleição, Bolsonaro é recebido por centenas de apoiadores e assiste à missa

D. Orlando: país precisa vencer “dragão do ódio”

» HENRIQUE LESSA
» PEDRO GRIGORI

Em busca do voto religioso, o presidente Jair Bolsonaro mirou, ontem, católicos e evangélicos. O candidato à reeleição pelo PL celebrou o Dia de Nossa Senhora Aparecida e inaugurou um templo da Igreja Mundial do Poder de Deus, em Belo Horizonte. Entre aplausos e vaia, a participação do chefe do Executivo nos eventos no Santuário Nacional, em Aparecida (SP), foi alvo de recados de autoridades da Igreja Católica.

“Não posso julgar as pessoas, mas nós precisamos ter uma identidade religiosa. Ou somos evangélicos ou somos católicos. Então, nós precisamos ser fiéis à nossa identidade católica. Mas, seja qual for a intenção, (Bolsonaro) vai ser bem recebido, pois é o nosso presidente”, afirmou o arcebispo d. Orlando Brandes, ao ser questionado sobre eventual uso político-eleitoral da festividade.

A declaração foi dada antes de o chefe do Executivo chegar a Aparecida. Mais cedo, durante uma homilia, d. Orlando afirmou que o país precisa vencer o “dragão do ódio, que faz tanto mal, e o dragão da mentira, que não é de Deus, é do maligno”. O líder católico ressaltou que o Brasil enfrenta “o dragão do desemprego e da fome”.

Durante a pregação, quando d. Orlando falou de fome, parte do público, apoiadores do presidente, que acompanhava do lado de fora da basílica, vaiou o líder religioso.

No ano passado, d. Orlando já tinha usado a alegoria do “dragão” para criticar o avanço de ideologias sobre a igreja. Na ocasião, sem citar Bolsonaro, disse que o Brasil não é “pátria armada”.

Na missa de ontem, o arcebispo incentivou os fiéis a comparecer às urnas. “Cidadania que vamos vivendo também votando. É necessário exercer esse

direito e poder do povo”, frisou.

Na terça-feira, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em nota, lamentou o uso da religião como forma de angariar votos no segundo turno.

Bolsonaro chegou a Aparecida por volta das 13h30, acompanhado do candidato ao governo de São Paulo Tarcísio de Freitas (Republicanos). Na comitiva estavam o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, além dos deputados federais Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e Bia Kicis (PL-SP), e o ex-ministro da Cidadania João Roma (PL).

Em uma das entradas do Santuário, centenas de pessoas aguardavam o presidente. Havia bandeiras e distribuição de adesivos com o número de urna do chefe do Executivo e de Tarcísio.

Um dos padres auxiliares no altar abriu a batina rapidamente e mostrou uma camisa do Brasil por baixo. Depois, foi cumprimentar o presidente. Houve pedidos de silêncio no templo. Mais tarde, em outra pregação, um sacerdote disse que “hoje (ontem) não é dia de pedir voto, hoje é dia de pedir bênção”.

Tumulto

Durante a visita de Bolsonaro, apoiadores do presidente causaram tumulto no Santuário. Eleitores do chefe do Executivo agrediram jornalistas e vaiaram o padre que celebrava a missa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

Equipes da TV Vanguarda, afiliada da TV Globo, e da TV Aparecida, emissora da Igreja Católica, foram hostilizadas no pátio da Basílica quando faziam a cobertura do evento.

Bolsonaristas gritaram com os funcionários da TV Aparecida e colocaram o dedo no rosto do jornalista e do cinegrafista. Outros apoiadores do presidente entoavam o coro “é Bolsonaro”.

A confusão se estendeu para dentro do Santuário, onde o

Thiago Leon/Santuário Nacional



Não posso julgar as pessoas, mas nós precisamos ter uma identidade religiosa. Ou somos evangélicos ou somos católicos”

Dom Orlando Brandes, arcebispo de Aparecida

padre Eduardo Ribeiro celebrava missa. Seguidores do presidente interromperam o ato com vaia e palavras de ordem e tentaram puxar o coro de “mito”, que não teve adesão. O padre pediu silêncio e rogou aos fiéis que preparassem o “coração, viemos aqui para rezar”. O tumulto foi um dos assuntos mais comentados no Twitter ontem.

Em outra frente, a realização de um ato paralelo, com a reza do terço, organizada por grupos de católicos ultraconservadores e convocada nas redes sociais pela atriz Cássia Kis, acabou não contando com a esperada presença do presidente.

A Arquidiocese de Aparecida se desvinculou do ato, conforme destacou em nota oficial: “Na agenda de Jair Bolsonaro consta a participação em um terço que

será rezado na cidade de Aparecida. Assim, reforçamos que essa atividade não é celebrada pelo Santuário Nacional nem está sob a supervisão do arcebispo de Aparecida. A iniciativa é de um grupo independente, que não tem relação com o Santuário Nacional nem com a Programação da Novena da Padroeira”.

“Milagre”

De manhã, em Belo Horizonte, Bolsonaro participou da inauguração de um templo da Igreja Mundial do Poder de Deus, do pastor Valdemiro Santiago, aliado de primeira hora do presidente. Ao lado do governador reeleito, Romeu Zema (Novo), o chefe do Executivo acompanhou a oração de Santiago em um trio elétrico, parado do lado de fora do templo,

com uma multidão de fiéis vestindo a camisa da Seleção Brasileira.

Depois da oração, Santiago questionou o público sobre milagres de cura. Fiéis relataram terem se recuperado de câncer e um paraplético disse ter voltado a andar. Uma cadeira de rodas foi erguida no meio da aglomeração.

No discurso, Bolsonaro falou em liberdade. “É um país abençoado, que vive em liberdade. Nós, além das questões materiais, temos as questões espirituais. Aqui, somos 90% de cristãos, mas respeitamos todas as religiões, bem como aqueles que não têm religião. Respeitamos a liberdade do nosso povo”, frisou.

Ele voltou a defender a pauta de costumes e acusou o “outro candidato” de ser defensor do aborto e da legalização das drogas. (Com Agência Estado)

Bolsonaro chama de fundamental apoio de Zema

» BERNARDO ESTILLAC

Em sua segunda visita a Belo Horizonte em menos de uma semana, o presidente Jair Bolsonaro (PL) concedeu entrevista exclusiva aos Diários Associados, veiculada no Jornal da Alterosa e sob condução do jornalista Ricardo Carlini.

Bolsonaro tratou sobre as estratégias de campanha no segundo turno, citou medidas tomadas em seu primeiro mandato e listou propostas para a possibilidade de mais quatro anos no Palácio do Planalto.

Ao lado do governador reeleito e aliado na campanha do segundo turno, Romeu Zema (Novo), ele elogiou o gestor. “Os apoios que vêm da articulação do governador reeleito são fundamentais para a gente virar o jogo aqui em Minas Gerais”, enfatizou, numa menção ao desafio de superar a vantagem de cerca de seis milhões de votos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Temas como gestão da pandemia, orçamento secreto e relacionamento com o Congresso e Supremo Tribunal Federal (STF) ficaram fora das falas do presidente.

A troca de acusações e ataques, sem um necessário compromisso com a veiculação de informações verificadas, é uma das marcas deste período eleitoral. A partir do segundo turno, a campanha de Lula subiu o tom e investe, entre outros artifícios, em vídeos antigos para tentar insuflar a rejeição ao candidato à reeleição.

O chefe do Executivo comentou sobre um desses vídeos, no qual fala em comer a carne de um indígena morto. “Me rotulei de canibal. Não tem cabimento uma questão dessas daí. Até porque canibalismo é crime, até onde eu sei. Isso é um vídeo de 30 anos atrás numa reserva indígena Yanomami, onde o indígena que morria, no caso jovem, no ritual, tinha o corpo cozinhado. Tinha uma equipe nossa, por coincidência, nesse dia lá, e quem fosse lá teria de comer como ritual. O pessoal estava lá discutindo quem queria ir, quem não queria, tem dois ou três que queriam, o resto não quis. Não fomos ninguém. E daí botaram em cima de mim a pecha de canibal. Não tem cabimento”, refutou.

Bolsonaro também desmentiu

Gladyston Rodrigues/Estado de Minas



Bolsonaro, com Zema, na entrevista: pedido de desculpas à população por comportamento “um pouco agressivo”

a informação de que tem planos para entregar o comando do Ministério do Trabalho e Previdência ao ex-presidente Fernando Collor de Mello (PTB-AL). Disse que sua relação com o senador, que tentou sem sucesso ser governador de Alagoas, neste ano, se restringe a visitas protocolares com parlamentares.

Sobre economia, o presidente destacou o esforço para a redução do preço dos combustíveis. “A questão do combustível não foi canetada, como se fazia no passado. Foi acordo nosso com o Parlamento e foi votada, então, uma proposta de emenda à Constituição botando um teto no ICMS de 17%, que é o imposto

estadual. Nós zeramos os impostos federais, isso fez a gasolina ir para baixo e arrastou o etanol, porque o etanol perderia competitividade”, frisou.

Michelle

O presidenciável do PL elogiou a mulher, Michelle, e disse

que ela tem “ajudado na campanha”. “Eu não sabia desse potencial dela. Ela apareceu pela primeira vez falando em público por ocasião da convenção minha, e ela realmente fala e fala 20, 30 minutos, e não cansa ninguém, e fala muito bem”, destacou. “Tem andado pelo Brasil agora, falando do que ela faz com várias pessoas.”

A inclusão da primeira-dama na campanha é apontada como uma estratégia para melhorar a inserção de Bolsonaro entre o eleitorado feminino, em que o presidente tem forte rejeição.

Ele aproveitou para pedir desculpas por sua postura. “Alguns não votam em mim dado meu comportamento que, por vezes, exagero, sou um pouco agressivo nas palavras, isso vem de nossa indignação, eu peço desculpas a essas pessoas. O que está em jogo aqui não são esses deslizes por parte do presidente, que falou um palavrão, o que a gente procura é melhorar. Peço desculpa. Isso aí que nós precisamos, de gente para bem administrar o nosso país”, concluiu.